

Prova Final de 2021 (1.ª fase)

Prova Escrita de Português 12.º Ano de Escolaridade Prova 639 / 2.ª Fase / Versões 1 e 2

GRUPO I

Parte A

1. Nos dois primeiros versos do poema, o sujeito poético transmite uma ideia de tranquilidade, comparando-se à tranquilidade do céu a o seu olhar ao céu e depois à calma da água para salientar a pureza e a ingenuidade que usa na captação da realidade. Por isso, no 4º verso, justifica as comparações que estabeleceu: a ingenuidade e a tranquilidade do seu olhar só são possíveis porque não se interroga nem espanta. Considera-se mais um elemento do Universo e, como tal, a sua existência segue a mesma ordem simples e natural que os outros elementos que integram a Natureza.
2. Versão 1: **(B)**; Versão 2: **(C)**.
3. Os versos 12 a 14 apresentam uma aparente contradição. No verso 12, o sujeito poético começa por descrever a sua visão do real como objetiva e despida de pensamentos e emoções. Expressa a ideia de que a Natureza é constituída apenas por aquilo que os sentidos captam e, assim, aceita, de forma serena, o mundo sem o questionar («...tudo é como é e assim é que é»). Contudo, esta aceitação tácita acaba por ser, de certa forma, questionada. O sujeito poético evidencia, nos versos 13 e 14, o facto de essa visão ser resultado de uma opção consciente (logo, pensada), admitindo que faz de conta que não pensa.
4. O «oficial» e Simão apresentam características que permitem defini-los como heróis românticos. No caso do «oficial» do excerto de *Viagens na minha terra*, destacam-se características como a nobreza de carácter, associada a valores como a lealdade e a verdade. Por outro lado, é notória a vivência intensa dos sentimentos, patente no facto de se entregar às emoções e de sustentar um coração generoso.
No que respeita a Simão, as características de herói romântico que sobressaem de imediato na leitura deste excerto são a sua coragem e a sua determinação em prosseguir com os seus intentos – lutar pelo amor correspondido de Teresa, mas impossível de concretizar dadas as oposições familiares. Esse amor-paixão fá-lo viver de forma intensa os sentimentos e a expressar a vontade de lutar sozinho, contra todas as contrariedades, se necessário for.

Parte B

5. O narrador do excerto de *Viagens na minha terra*, num caso, e João da Cruz, no outro, exprimem opiniões sobre o que observam no mundo em que vivem.

No caso de *Viagens na minha terra*, o narrador critica o abandono do que é nacional por imitações do que é estrangeiro. Em concreto, critica o abandono da farda militar portuguesa, que foi substituída por um uniforme que imita a farda das tropas inglesas. Esta crítica é feita recorrendo à ironia uma vez que afirma que seria demasiado nacional a farda para poder continuar a ser usada numa terra que se deixou corromper.

Em *Amor de perdição*, João da Cruz, contrariando o sentir e os intentos de Simão, é da opinião que a vivência exagerada da paixão conduz à perda da razão. Por isso, de forma fria, esclarece o seu parecer de que, a um homem rico e fidalgo como Simão, não faltarão mulheres bonitas e com dote e que, se o destino o quiser, Teresa há de ser sua.

6. Versão 1: (A); Versão 2: (B)

Parte C

7. Fernão Lopes, nas suas crónicas, rompe com uma tradição do relato histórico. Se, por um lado, não se atenta apenas nas “figuras ilustres” que encabeçaram determinados acontecimentos, por outro lado, preocupa-se em consultar várias fontes credíveis, em fazer uma pesquisa dos acontecimentos para, da forma mais verossímil, passar para o papel o relato dos acontecimentos. Na *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes introduz ainda outra grande novidade: dá vida às multidões alvoraçadas.

Com efeito, o cronista inclui no seu relato o povo (a multidão alvoraçada), que surge como uma personagem coletiva, unida por uma só vontade: a independência de Portugal face a Castela. A emergência desta consciência coletiva do povo português está bem evidente em vários momentos da primeira parte da crónica em apreço, destacando-se:

- no momento em que circula a notícia de que o Mestre de Avis corre perigo de vida, uma multidão movimenta-se em direção ao Paço, em grande agitação, para proteger aquele que pode garantir a independência de Portugal;
- quando planeia assaltar o Paço da Rainha, o povo de Lisboa insurge-se contra a regente, Dona Leonor, acusando-a de ser traidora, por defender os interesses castelhanos;
- aquando do cerco de Lisboa, todos se unem para guarnecer as muralhas e assegurar o transporte de mantimentos para dentro da cidade, permitindo a resistência ao invasor castelhano.

Em suma, o povo, a uma só voz, expressa, desde cedo, a sua lealdade ao Mestre, garante de independência. É também esse povo, essa multidão alvoraçada, que mais sofrerá com tal afronta aos castelhanos. Mas a génese de uma identidade nacional estava lançada e dura até aos nossos dias.

GRUPO II

	Versão 1	Versão 2
1.	(A)	(B)
2.	(C)	(A)
3.	(A)	(B)
4.	(B)	(D)
5.	(C)	(B)
6.	(C)	(D)
7.	(D)	(A)

GRUPO III

Proposta de textualização

Se pensarmos nos desafios a que a humanidade está sujeita – alterações climáticas, luta contra a atual pandemia, questões de segurança nas nações –, é indubitável colocar a esperança nos progressos científico e tecnológico. O futuro depende disso.

Porém, será apenas a ciência e a tecnologia a tábua de salvação da humanidade? Não deverá o progresso implicar também a valorização das artes, enquanto dimensão fundamental de uma formação de base humanista? A resposta a esta questão é clara: sim, a humanidade depende também desta formação de base humanista.

A humanidade distingue-se pela sua evolução científica e tecnológica. Mas distingue-se também pela sua criação artística: através dela, o ser humano tornou-se intemporal (pela literatura, pela arquitetura, pela pintura, pela escultura...). É através das artes, das disciplinas de base humanista que se expressa o que há de mais humano: com o saber filosófico, problematiza-se, questiona-se; com o conhecimento histórico percebe-se o passado e, assim, acautela-se o presente e o futuro; com a literatura, a pintura permite-se a expressão de sentimentos, de estados de alma, dá-se conta da plenitude humana, rompe-se barreiras, rompe-se a censura, cria-se!

É esta compreensão da importância da formação humanística que leva a que, na discussão da reformulação de cursos de engenharia, se pondere a inclusão de cadeiras de base humanista. Talvez se tenha percebido que falta alguma humanidade na criação científica e tecnológica.

É também relevante que se dê espaço à formação humanística em campos tão tecnológicos e racionais como é o campo dos serviços de inteligência e de segurança das nações. Com efeito, são muitos os escritores, os pintores, os *designers*, entre outros humanistas, a serem convidados a criar mundos possíveis. Afinal, antes de o ser humano sequer imaginar que podia vencer a gravidade da atmosfera ou a pressão dos oceanos, já se sonhava com viagens interplanetárias ou com aventuras ao fundo do mar em máquinas bizarras que ninguém queria acreditar.

A capacidade criativa e a expressão de sentimentos, que só uma boa formação humanística pode emprestar ao ser humano, é fundamental para que o progresso científico e tecnológico seja, de facto pleno de humanidade.

(347 palavras)